

ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

ARQUEOLOGIA  
E  
HISTÓRIA

8.ª SÉRIE DAS PUBLICAÇÕES

VOLUME XII



LISBOA 66 MCMLXVI

# ALABASTROS DE NOTTINGHAM

pele  
sócio efectivo  
*João Couto*

Oração inaugural do ano associativo, proferida  
em 17 de Outubro de 1984

## ALABASTROS DE NOTTINGHAM

**P**ARA abrir o ano académico de 1964-1965, proferi na Associação dos Arqueólogos, na noite de 17 de Outubro de 1964, uma palestra tendo por assunto os alabastros de Nottingham.

Escolhi este tema pelo facto de existirem no Museu da Associação, quatro peças desta natureza e por o assunto ser pouco conhecido.

Os alabastros da Associação tratam os temas seguintes: (diapositivos)

- 1 — Beijo de Judas
- 2 — Ecce Homo
- 3 — Deposição de Cristo no Túmulo
- 4 — Ressurreição

São quatro formosas placas às quais, porventura, não tem sido dado o lugar a que têm direito, dada a sua importância excepcional.

Conservam ainda as respectivas molduras, tratadas em estilo ogival e apresentam vestígios da pintura antiga. Muitas destas peças eram pintadas e é esse facto que valoriza singularmente a escultura — «Santa Ana ensinando a Virgem a ler» — que pertence ao Museu de Arte Antiga e da qual adiante mostramos um diapositivo.

Folheando o catálogo do Museu da Associação <sup>(1)</sup> ali se diz o seguinte a pág. 22: «quatro baixos-relevos de alabastro, trabalho de Nottingham». Nada se menciona a respeito da incorporação dos objectos.

O secretário da Associação, o meu amigo Sr. Machado de Faria, ao qual pedi para me desvendar o assunto, encontrou no tomo 3.º, 2.ª série, do Boletim de Architectura e de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeólogos Portuguezes, a seguinte nota que esclarece a estampa 37: «Merecem grande apreço na Alemanha as obras deste género. O nosso museu possui quatro altos-relevos de diferentes factos da Paixão, executados todos em alabastro branco, os quais estiveram expostos na Exposição Universal de Paris de 1867, onde foram muito gabados pela representação artística da escultura do tipo e do século da sua execução, como sendo um dos mais perfectos espécimes deste ramo das Belas-Artes». E atendendo à forma dos resplendores, o autor acha com razão que devem ser obra dos séculos XIII-XIV.

Mas no tomo VI, 2.ª série do mesmo Boletim, vem uma pequena nota assinada pelo senhor Possidónio da Silva, para explicação da estampa n.º 94, que reza assim:

«Desejamos concluir a publicação do tomo VI da 2.ª série do Boletim de Architectura e Archeologia com a presente photographia representando um facto da Paixão de Jesus Cristo, escultura de alto relevo em alabastro, que faz parte de exemplares raros pertencentes ao século XII que estão expostos no Museu Archeológico da nossa Associação.

Já no volume 3.º, n.º 5, publicámos outra fotografia de igual estilo e do mesmo assunto histórico que faz *pendant* à actual estampa. Ambas as esculturas, producto da arte indiana, que se supõe terem pertencido ao irmão de D. Vasco da Gama, foram-me offerecidas pelo fallecido e meu chorado amigo Joaquim José Cecília Koll.»

---

(1) *Guia do Museu Archeológico* (4.ª edição). Lisboa, 1961.

Postas de parte as fantasias do Sr. Possidónio da Silva, ficámos assim com o nome do verdadeiro doador dos magníficos alabastros.

Também na Inglaterra, o assunto não mereceu da crítica o lugar que merece.

O alabastro, que provém do Derbyshire e do Straffordshire é uma variedade do sulfato de cal, chamado gipso (gesso de Paris), abundante em algumas localidades de Derbyshire.

Por ser uma matéria muito branda passou desde tempos muito remotos a ser utilizada pelos escultores que nela lavraram estátuas sepulcrais, muitas das quais se encontram na Catedral de Westminster.

Breve se criou uma indústria que passou a fabricar os inúmeros retábulos e estatuetas que hoje aparecem em número apreciável.

São sempre de assunto religioso e nelas se tratam os passos da vida de Cristo, da Virgem e dos Santos.

Foi esta a razão por que, no século XVI, por virtude da expansão da reforma religiosa, toda esta produção cessou e grande parte das placas de alabastro, bem como a estatuária de pequenas dimensões foi exportada para os países católicos da Europa.

Já antes da reforma religiosa se fazia um largo negócio de alabastros de Nottingham (?).

Tudo se acentuou mais tarde. Diz o Prof. Bodkin — «It is fortunate for the reputation of English mediaeval art that Catholic Nations on the Continent have preserved so many specimens of the beautiful work which was destroyed in vast quantities by the so — colled Reformers.»

Os alabastros passaram a não ter lugar de primazia nos tratados da arte inglesa. E foi só quando a «Society of antiquaries» promoveu a

---

(?) Vide PROF. THOMAS BODKIN — *Mediaeval English Alabaster Work in Portugal* — in «Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga», fasc. 2.º do vol. 1.º (Lisboa, 1947), p. 70.

exposição de Londres e fez publicar o bellissimo catálogo que viu a luz da publicidade em 1913 — *Illustrated Catalogue of the Exhibition of English Mediaeval Alabaster Work* — que o assunto voltou a merecer a atenção da crítica e dos coleccionadores.

Este catálogo ordenou os alabastros por épocas que oscilam entre 1380-1420; 1420-1460; 1460-1500.

Falando do espólio guardado em Portugal diz o Prof. Bodkin (1) «yet when we recall that John of Gaunt's tomb in old St. Paul's Cathedral at London was of alabaster and that his grand children were king Duarte the Elequent and Prince Henry the Navigator, we must deduce the likelihood of the presence in Portugal of English alabaster, shipped there during the Portuguese Golden age and still preserved for the admiration of modern Portuguese lovers of art. There are, in fact, many such survivals. Notable among them are two delightful panels, or tables as they are more commonly called, in the municipal Museum of Soares dos Reis, at Oporto, and no less than seven tables and two statuettes in the National Museum of Janelas Verdes, at Lisbon. These, so far as I know have have never yet been authoritatively described.»

Entretanto o mesmo número do Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga, publicava um artigo com a totalidade das fotografias dos alabastros, feito pelo escultor Barata Feyo, ao tempo Conservador estagiário dos Museus.

Para eludicação dos ouvintes passei a projectar os diapositivos da colecção do Museu de Arte Antiga e um representando a totalidade de um altar para se ver como as placas de alabastro estavam dispostas. (Do Victoria and Albert Museum).

---

(1) Artigo citado — *Boletim do Museu de Arte Antiga*, fasc. 2.º do vol .1.º, p. 71 e seg.

## PEÇAS DO MUSEU

Adoração dos Magos  
Pietà  
Ecce Homo  
Deposição no túmulo  
Ascensão  
Coroação da Virgem  
Santíssima Trindade  
Cabeças de Cristo e de S. João Baptista  
Imagem de Santa Catarina  
Imagem de Santa Ana ensinando a Virgem a ler

Pertencentes a colecções e igrejas portuguesas e estrangeiras, projectei:

Outra escultura que representa Santa Ana ensinando a Virgem a ler, do Museu de Barcelona.

A Virgem e o Menino — escultura da Misericórdia de Loulé.

A Coroação da Virgem — pertencente ao Colégio Apostólico da Imaculada Conceição — de Sernache (Coimbra).

Isto está longe de representar a quantidade de alabastros existentes no País. Entre estes referi um que se encontra na Capela do Palácio da Pena, em Sintra, uma estatueta que vimos na igreja paroquial de Nossa Senhora da Apresentação, em Aveiro, e tantas outras espalhadas por igrejas e colecções particulares.

São todos belíssimos, têm um carácter muito particular que facilmente os distingue doutros tipos da escultura e bem merecem o interesse dos museus e dos coleccionadores particulares.

Mas nem só em Inglaterra existem esculturas de alabastro, se bem que ali, durante séculos, se tivessem formado verdadeiras guildas de artistas que deram lugar a uma indústria típica e nacional. Em todos os

países os escultores de alabastro utilizavam a excelente pedra sempre que os jazigos estavam à mão.

Numa viagem recente que fiz pelo sul da França e pelo centro de Espanha, deparei na formosa cidade de Ávila e na sua Catedral, com grupos escultóricos em alabastro, de excelente execução e avantajadas dimensões. São os grupos do transepto e das traseiras do altar-mor e o moimento do bispo Fernandez de Madrigal, conhecido pelo Tostado. Este primoroso grupo escultórico deve-se ao artista Vasco de la Zarza que o acabou em 1518. O escultor faleceu em 1524. Dada a primorosa qualidade desta obra não deixei de a projectar no *écran*.

Em 1952, desperta a curiosidade dos ingleses para os alabastros de Nottingham que os museus começaram a coleccionar, o Victoria and Albert Museum, de Londres, publicou um pequeno álbum intitulado «A picture book of English Alabaster carvings», que contém além de um pequeno prefácio, elucidativas fotografias das peças da sua colecção.